

Escritos da Série Cognitiva



Reitor
Valder Steffen Jr.

Vice-reitor
Carlos Henrique Martins da Silva



Conselho Editorial
Presidente
Alexandre Guimarães Tadeu de Soares

Amon Santos Pinho
Arlindo José de Souza Junior
Carla Nunes Vieira Tavares
Mical de Melo Marcelino
Sertório de Amorim e Silva Neto
Wedisson Oliveira Santos



UNICAMP

Reitor
Antonio José de Almeida Meirelles

Coordenadora Geral da Universidade
Maria Luiza Moretti



Conselho Editorial
Presidente
Edwiges Maria Morato

Carlos Raul Etulain
Cicero Romão Resende de Araujo
Frederico Augusto Garcia Fernandes
Iara Beleli
Marco Aurélio Cremasco
Maria Teresa Duarte Paes
Pedro Cunha de Holanda
Sávio Machado Cavalcante
Verónica Andrea González-López

Comissão organizadora da coleção do Estudo Acadêmico

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares (UFU)
Anselmo Tadeu Ferreira (UFU)
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento (PUC/SP)
Fausto Castilho (Unicamp) (*In memoriam*)
João Bortolanza (UFU)
Marcio Chaves-Tannús (UFU)
Marcos César Seneda (UFU)

Equipe de realização

Coordenação editorial: Eduardo Moraes Warpechowski
Revisão de Língua Portuguesa: Lúcia Helena Coimbra do Amaral
Revisão de normas técnicas: Paulo Sérgio Coelho de Sá Filho
Projeto gráfico e capa: Heber Silveira Coimbra
Diagramação: Luciano de Jesus Franqueiro
Revisão de provas: Cláudia de Fátima Costa

Coleção do Estudo Acadêmico 9

Charles Sanders Peirce

Escritos da Série Cognitiva

Introdução, tradução, notas e ensaio de leitura:
Cassiano Terra Rodrigues

Prefácio:
Lucia Santaella

EDUFU

EDITORIA
UNICAMP

Writings of Charles Sanders Peirce: A Chronological Edition. Volume 2: 1867-1871. Edward C. Moore, editor... *et al.* Bloomington, IN: Indiana University Press, 1984. © by Peirce Edition Project.

Writings of Charles Sanders Peirce: A Chronological Edition. Volume 3: 1872-1878. Christian J. W. Kloesel, editor... *et al.* Bloomington: Indiana University Press, 1986. © by Peirce Edition Project. Reprinted with permission of Indiana University Press.

Imagens: M.C. Escher. *Spirals*, 1953. National Gallery, Washington (EUA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P378e Peirce, Charles Sanders, 1839-1914.
Escritos da Série Cognitiva / Charles Sanders Peirce ; tradução Cassiano Terra Rodrigues. Uberlândia; Campinas : Edufu; Editora da Unicamp, 2023.
478 p.: il. ; (Estudo Acadêmico ; v. 9)

Título original: *Writings of Charles Sanders Peirce: a chronological edition*.
ISBN: 978-65-88055-04-5 (Edufu)
ISBN: 978-85-268-1610-7 (Editora da Unicamp)
Inclui bibliografia e índice.

1. Filosofia. I. Rodrigues, Cassiano Terra, (Trad.), II. Título. III. Série.

CDU: 1

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408

Direitos reservados a

Editora da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Bloco 1S
Campus Santa Mônica
CEP 38.400-902 – Uberlândia – MG – Brasil
(34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
(19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

Editoras associadas à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

LUCIA SANTAELLA

7 Prefácio: *Pensar é máquina movida pelo desejo*

CASSIANO TERRA RODRIGUES

17 Agradecimentos

19 Introdução

25 Nota da edição

CHARLES SANDERS PIERCE

Escritos da Série Cognitiva

30 *On a New List of Categories*

31 Sobre uma nova lista de categorias

56 *Questions Concerning Certain Faculties Claimed for Man*

57 Questões concernentes a certas faculdades reivindicadas para o homem

104 *Some Consequences of Four Incapacities*

105 Algumas consequências de quatro incapacidades

184 *Grounds of Validity of the Laws of Logic: Further Consequences of Four Incapacities*

185 Fundamentos de validade das leis da lógica: consequências ulteriores de quatro incapacidades

262 *Fraser's The Works of George Berkeley*

263 Resenha da edição de A. C. Fraser das *Obras*, de Berkeley

328 *On a New Class of Observations, suggested by the principles of Logic*

329 Sobre uma nova classe de observações, sugerida pelos princípios da lógica

334 Bibliografia de obras usadas por C. S. Peirce
340 Notas da tradução

CASSIANO TERRA RODRIGUES

365 Ensaio de leitura: Realidade, lógica e verdade nos Escritos da Série
Cognitiva, de C. S. Peirce

451 Bibliografia

467 Índice onomástico

Prefácio:

Pensar é máquina movida pelo desejo

*Lucia Santaella*¹

Entro neste prefácio como quem pisa em ovos. É tamanha a competência do *Ensaio de leitura* de Cassiano Terra Rodrigues com base nos textos por ele selecionados e traduzidos de Charles Sanders Peirce, acompanhados por introdução, cuidadosas notas, índice onomástico e bibliografia, que, diante disso, minhas palavras correm o risco de soarem inócuas. Para evitar patinar em mera retórica despida de consequências pragmaticistas, escolho o caminho da justificativa de meu julgamento a respeito do acerto da seleção e da envergadura da introdução.

Os textos selecionados pertencem ao jovem Peirce. Há controvérsias entre os especialistas em Peirce sobre a validade dos seus textos de juventude quando comparados à sua produção na maturidade, em especial a partir de 1885, intensificando-se em valor após 1900. Para alguns, nos quatorze anos restantes de sua vida, de 1900 a 1914, Peirce produziu a parte mais significativa de sua obra. Entre os que postulam uma transformação aguda e opositiva entre o Peirce jovem e o maduro, encontra-se Thomas Short (2007, p. 27-56), que, aliás, apresenta o desenvolvimento da teoria dos signos como uma sequência de falhas que vão sendo corrigidas ao longo dos anos. Entre os que defendem não haver tal oposição, mas sim uma mera evolução natural e própria da obra de um pensador, coloca-se Joseph Ransdell (2007), para o qual o desenvolvimento proposto por Short não passa de ficção, sem qualquer suporte textual. Essa discórdia entre comentadores já deu o que falar na defesa até agressiva que John Deely (2006) tomou a favor da posição de Ransdell.

¹ Pesquisadora 1A do CNPq; professora da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUC/SP); livre-docente em Ciências da Comunicação (ECA/USP).

De todo modo, disputas à parte, sou inclinada a concordar com esse último quando tomo como referência as palavras auto-críticas de Peirce sobre o desenvolvimento de sua obra. Diz ele: “Tanto quanto posso me lembrar, nenhuma conclusão definitiva de importância, à qual fui em algum momento levado, requereu re- tração, tais foram as vantagens dos métodos científicos de estudo. Modificações em detalhes e mudanças (muito esparsas), de relativa importância nos princípios, são as grandes alterações que fui le- vado a fazer” (L75, FV347)².

Essa declaração é perfeitamente válida para o texto com que Rodrigues abre suas traduções, “Sobre uma nova lista das cate- gorias”. Não faltam estudos sobre esse texto, assim como não faltam menções de valoração que Peirce fez sobre ele: “No dia 14 de maio de 1867, depois de três anos de pensamento quase insanamen- te concentrado, mal interrompido sequer para o sono, produzi a minha contribuição à filosofia na ‘Nova lista de categorias’” (CP 8.213). Em outro momento, Peirce voltou à questão ao afirmar ter publicado “um texto de dez páginas que ou está inteiramente er- rado ou está entre as mais importantes generalizações filosóficas” (L75, B7). Já na velhice, em 1907, em uma carta a um amigo, Francis C. Russell, Peirce mencionou sua “Nova lista” como uma aquisição central (L387).

Fazia muita falta uma tradução da nova lista das categorias no contexto brasileiro. De fato, não seria exagero dizer que esse texto pode ser considerado como o embrião fundamental de cujo desenvolvimento dependem os alicerces do inteiro edifício lógico- filosófico de Peirce. As categorias são elementos irreduzíveis en- contrados na experiência e no mundo abstrato da pura matemática, daí sua função de esqueleto para toda a doutrina lógica de Peirce.

² L refere-se às cartas de Peirce; FV significa “final version” de L 75, seguido do nú- mero da página, adiante, B significa “variante B” da mesma carta. A carta 75 tem uma numeração que segue a organização do material feita por J. Ransdell citada a partir de uma cópia xerox. Uma cópia digital dessa carta pode ser encontrada no site *Arisbe*, indicada na Bibliografia.

Desde 1867, a primeira extração das categorias, no âmbito da lógica predicativa, passou pelas mais severas buscas de refutação, com o resultado de se tornarem cada vez mais irresistíveis. No princípio, ainda restritas à mente, expandiram-se do pensamento à natureza (W 5: 242-247). Peirce era um praticante das mais diversas ciências e, mesmo sem procurá-las, as categorias apareciam em todos os campos: no raciocínio, na metafísica, na psicologia, na física, inclusive no sistema nervoso etc.

Dezoito anos haviam-se passado, Peirce estava eufórico com seu projeto de um livro sob o título de “Uma adivinhação para o enigma” que, entre muitos outros, ficou inacabado (CP 1.354-1.416). De fato, essa versão indutiva das categorias não podia satisfazê-lo. Teve de esperar mais alguns anos pela confiança que a lógica dos relativos lhe traria para estruturar seu edifício filosófico com base na sua quase-ciência da fenomenologia, uma nova extração das categorias a céu aberto, despida de quaisquer apriorismos, de que resultou a famosa nomenclatura de primeiridade, secundidade e terceiridade.

Vale a pena mencionar esse percurso cujo gérmen encontra-se na “Nova lista”. Desde Nietzsche, a filosofia abandonou a meta das categorias e junto com ela a edificação arquitetônica de um sistema inter-relacionado de disciplinas filosóficas. É preciso, no entanto, nadar contra a corrente, pois, embora as categorias não passem de “finos esqueletos do pensamento” (CP 1.355), a leitura atenta da obra peirciana pode nos levar a perceber que as ideias onipresentes de um, dois e três são pervasivas por toda a realidade. Que essa leitura deve começar com a “Nova lista” não resta a menor dúvida.

Não menos fundamentais são os textos que Rodrigues selecionou para dar sequência às suas traduções e comentários: os textos que ficaram conhecidos como a Série Cognitiva. Peirce também estava ciente da importância deles. Em uma carta ao irmão, afirmou: “Posso me permitir declarar que meus trabalhos filosóficos mais fortes foram (...) ‘Sobre uma nova lista de Categorias’ e

um texto, que apareceu em 1868, chamado ‘Algumas consequências das quatro incapacidades’” (L845).

Com o risco certo da redundância, pois os comentários de Rodrigues deixam pouco a acrescentar, o texto sobre as quatro incapacidades e aquele que o antecede, “Certas faculdades reivindicadas para o homem”, embora difíceis, especialmente pela originalidade das ideias que defendem, são uma joia de elegância em que Peirce, passo a passo, linha a linha, desconstrói os argumentos cartesianos. O empréstimo do verbo “desconstruir”, do vocabulário derivado de Jacques Derrida, cabe aí com justeza. São muitos os filósofos ou críticos nem tão filosóficos que se insurgem contra Descartes, muitas vezes meramente confundido com o cartesianismo. Trata-se, porém, de uma crítica de fora que apenas arranha a muralha cartesiana, sem derrubá-la. Peirce, ao contrário, obstinadamente, não deixa pedra sobre pedra. Tudo isso com o respeito dos contra-argumentos.

Há dois pontos que merecem ênfase: a crítica ao intuicionismo e a natureza inalienavelmente *signica* do pensamento. Ao negar a explicação cartesiana da intuição, Peirce não jogou a criança fora com a água do banho. Seria absurdo negar que o ser humano tenha *insights*, isto é, grandes iluminações interiores nas descobertas científicas ou nos pequenos achados diante das surpresas do cotidiano. O que Peirce recusou é que haja intuições originárias, menos ainda que elas possam ser pontos de partida indubitáveis da verdade. Isso iria contra sua teoria de que toda premissa é também a conclusão de uma premissa anterior, ou seja, não há cognição que não seja precedida de uma cognição prévia.

É certo que o caminho para chegar a isso não foi simples, nem poderia deixar de ser longo. Para deixarmos, por enquanto, essa longa história mais curta, é preciso considerar que a crítica ao intuicionismo se fazia acompanhar pela concepção, cuja base Peirce extraía de sua “Nova lista”, de que todo pensamento se dá em *signos*. Segue-se, portanto, que todo pensamento deve se dirigir a outro, determinar outro pensamento. Estava aí já expressa

a lei da continuidade embutida na própria noção do signo em sua cadeia ininterrupta de produção de interpretantes, outros signos nos quais, como corpos vivos, a vida dos signos se desenrola no tempo. Mais do que isso, quando pensamos, surgimos como signos, portanto, à luz de Peirce, à pergunta sobre o que é o ser humano, a resposta que advirá não pode ser outra: o ser humano é signo. Todavia, compreender as consequências dessa afirmação é uma outra história, que exige acompanhar com dedicação atenta os níveis de complexidade que a teoria peirciana dos signos foi atingindo com o amadurecimento de sua obra.

De qualquer modo, é impressionante o quanto as sementes da noção de signo já estavam plantadas nesses textos de juventude, a saber, a realidade triádica do signo com que Peirce inaugurou a visão ternária do pensamento e da realidade, uma visão que continua a fazer falta para nos livrarmos de ninhos e ninhadas de dicotomias que, incorrigíveis, ainda pululam no pensamento ocidental. É na lógica ternária embutida na semiose ou ação do signo que pode ser encontrada, entre outros fatores, a fonte do falibilismo, síntese da filosofia de Peirce. O pensamento humano falha porque, na sua raiz, encontra-se a inevitável indeterminação de todo signo que é objetivamente geral na medida em que deixa para o intérprete o direito de completar a sua determinação. Mas o signo também é objetivamente vago na medida em que, ao deixar sua interpretação mais ou menos determinada, ele reserva a algum outro signo ou experiência possível a função de completar a determinação (Nadin, 1983, p. 157).

Tão matricial quanto os anteriores é o quarto texto selecionado no qual Peirce dá continuidade ao fulcro da questão que perseguiu por quase sessenta anos de trabalho: os tipos de raciocínio. Sua paixão pela lógica, despertada e nunca abandonada desde os 12 anos de idade, não foi por ele compreendida do modo como a lógica simbólica se desenvolveu do final do século XIX para cá. Embora tenha dado alguma contribuição a essa lógica e não deixasse de considerar sua importância, Peirce partiu de uma concepção de

lógica bem mais ampla que, no final de sua vida, foi batizada de “lógica considerada como semiótica”. O que isso quer dizer? Por que, antes de completar 30 anos, estava tão preocupado com os tipos de raciocínio? A lógica *da ciência* foi seu ponto de partida, outra noção que temos novamente de acompanhar a contrapelo. Hoje, de fato, quase não se fala mais nisso.

Por lógica da ciência, Peirce entendia os métodos empregados pelas ciências. Ora, não há método que não seja guiado por raciocínios. Estes não são outra coisa senão pensamentos autocontrolados. Se todo pensamento se dá em signos e os signos não são apenas simbólicos, há uma tarefa prévia a ser enfrentada: o desenvolvimento de uma ciência dos signos, que ele chamou de semiótica, ou semeiotica, como preferia. Nesse sentido, embora hoje seja muito utilizada para a leitura e análise de processos correntes de signos verbais, visuais e sonoros, nos propósitos da obra de Peirce, a teoria dos signos é uma propedêutica para entender os raciocínios e as garantias que eles conseguem fornecer para a busca infnida da verdade, ideal e meta de toda ciência.

Antes de 30 anos, nestes textos aqui traduzidos por Rodrigues, Peirce deu início à sua longa jornada pelos caminhos do raciocínio. Além dos conceitos de dedução e indução tradicionalmente já correntes, para a definição dos quais Peirce contribuiu com pinceladas originais, foi introduzido aquele que deve ser o mais inédito, ou, pelo menos, aquele conceito que passou a garantir o fio condutor responsável pela ligação das várias partes do seu pensamento, a saber, o tipo de raciocínio que, no início, foi chamado de hipótese e, mais tarde, conforme foi ganhando traços de radicalidade, passou a ser chamado de abdução. Nesses textos de juventude, e mesmo naquele que ficou muito conhecido e que data de 1878, sob o título de “Dedução, indução e hipótese”, publicado originalmente na *Popular Science Monthly* e traduzido no Brasil por Mota e Hegenberg já em 1972, Peirce ainda não havia chegado à versão mais radical da abdução como inferência lógica e, ao mesmo tempo, instintiva, fruto da capacidade humana de adivinhar os desígnios da natureza.

Nesse ponto, tanto o que antes era chamado de hipótese passou a ocupar o lugar da indução qualitativa ou abdutiva (L75, p. E168) quanto se resolveu a crucial questão sobre a origem das primeiras premissas da inferência abdutiva. Elas são inconscientes, daí sua aparência de originalidade. A noção peirciana da consciência como lago sem fundo (CP 7.547-7.558) nos permite compreender como se dá essa dinâmica sem que se tenha de recorrer a quaisquer subjetivismos para explicar a lógica da descoberta.

Embora, ao final da jornada, os tipos de raciocínio lhe parecessem satisfatórios para desenvolver o terceiro ramo da semiótica, a metodêutica, Peirce deu-se conta da incompletude da lógica ou semiótica. Esta não é autossuficiente. Precisa da ética e esta da estética. Todo pensamento lógico vem pela porta da percepção e sai pela porta da ação deliberada (CP 5.212). Esta, por sua vez, busca seu ideal no admirável. Nasce aí as ciências dos ideais que guiam a vida humana, as mais teóricas dentre todas as ciências teóricas: a lógica ou semiótica, a ética e a estética, fundamentais para se encontrar a rota do pragmatismo de Peirce, avesso ao finalismo da prática despida dos princípios guias do bem pensar.

Nos textos subsequentes, que comparecem neste livro e que, para Houser *et al.* (EP 1: 11-108), completam a Série Cognitiva, comparecem os primeiros passos do progressivo realismo peirciano, tema estudado sob os mais variados pontos de vista por um bom número de comentadores. O que merece, a meu ver, ser evidenciado é a concepção social da lógica enfaticamente defendida por Peirce. A lógica é social porque, no seu germen, todo signo é social. Mesmo o mais íntimo pensamento, que trocamos com nós mesmos, já é dialógico e, portanto, social: “Duas coisas são aqui bem importantes para se assegurar e lembrar. A primeira é que uma pessoa não é absolutamente um individual. Seus pensamentos são aquilo que ela ‘está dizendo a si mesma’, isto é, ao seu outro self que está vindo à vida no fluxo do tempo. Quando alguém pensa, é o seu self crítico que esse alguém está buscando persuadir, e todo pensamento, qualquer que seja, é um signo, e, na maior parte das vezes, tem a natureza da língua” (CP 5.421).

Junto com a concepção social da lógica, Peirce lutou pelo reconhecimento da lógica como ciência e, como tal, em permanente estado de metabolismo, visto que concebida como modo de vida de comunidades engajadas na busca de uma verdade cuja promessa não cessa de brilhar no longo caminho do tempo. Portanto, uma verdade a cada vez provisória, não apenas porque o pensamento humano é falível, mas também pelo fato de que o real é inexaurível.

A exortação juvenil de Peirce às vantagens de se estudar lógica e à sua dependência de uma comunidade de investigadores não soa a mim como um ufanismo nacionalista do mesmo modo que soa a Rodrigues. Atenho-me a muitas passagens, dentre as quais destaco aquela que foi objeto de muita discussão, devido a um erro nos *Collected Papers*, que foi corrigido na publicação dos *Writings* (W 2: 239) e do *Essential Peirce* (EP 1: 52): “Assim, a própria origem da concepção de realidade mostra que essa concepção envolve essencialmente a noção de uma COMUNIDADE, sem limites definidos, e capaz de um aumento INdefinido de conhecimento”. (p. 175 da tradução). Como se pode ver, nem a comunidade nem o conhecimento têm limites definidos. Portanto, estão longe de caber nas fronteiras de uma nação.

São inúmeras as passagens em que Peirce não esconde sua aguda crítica à sociedade e à cultura acadêmica do seu tempo — tendência que só se intensificou desde então —, em que a ciência não é concebida como investigação, mas como atividade produtiva, cujo produto, o conhecimento, é utilizado para fins instrumentais. Sobretudo, as marcas trágicas em sua própria vida atestam a aversão de Peirce à hipocrisia da sociedade em que viveu. Quanto ao compartilhamento de crenças e *modus vivendi* com a sua primeira mulher, Harriet Melusina Fay, isso também parece questionável, tanto é que o casamento foi um desastre e, por algum tempo, para os padrões então vigentes, Peirce “viveu em pecado” com uma imperdoavelmente desconhecida, Juliette Annette Froissy ou Juliette Pourtalai, da qual até hoje não se tem rastros.

Quanto à religiosidade, sim, Peirce era religioso, como era regra na sociedade norte-americana do período. Mas não faltam textos em que propõe a separação incisiva entre ciência e religião. Embora seja possível que religião e ciência convivam pacificamente em uma só pessoa, Peirce marcou a cisão entre seus propósitos de forma clara e precisa: “A profissão da *Open Court* é fazer um ‘esforço para conciliar a religião com a ciência’. Isso é sábio? Não é uma busca por alcançar uma conclusão predeterminada? E isso não é um alvo anticientífico e antifilosófico? Essa luta não implica um defeito na integridade intelectual que tende a minar toda a saúde moral?” (W 8, p. 34).

Afinal, se assim não fosse, Peirce estaria alimentando uma incompatibilidade inconciliável entre uma marca de religiosidade no seu pensamento e a sua concepção falibilista da verdade, de resto, uma concepção que Rodrigues soube tão bem detectar já no alvorecer do pensamento de Peirce. Os comentadores já discutiram treze concepções de verdade em Peirce. Todavia, ao fim e ao cabo, sua obra nos leva a pensar que a verdade é uma esperança a ser cultivada por aqueles que acreditam no conhecimento e que cuidam dos destinos de seu crescimento. Quanto a isso, parece existir uma irrecusável concordância na comunidade, sem limites definidos, de estudiosos de Peirce. E para aqueles que cultivam o desejo de pertencer a essa comunidade, não poderia haver melhor caminho para começar do que este livro de Cassiano Terra Rodrigues.

Agradecimentos

Primeiramente, devo registrar o reconhecimento institucional à Fapesp, agência que financiou o meu mestrado (processo 98/00143-4), no qual comecei a estudar os textos ora traduzidos. Mais recentemente, uma parte do Ensaio de leitura compôs um relatório de pesquisa para a mesma agência (processo 18/05697-3). Ainda assim, não me furtarei a registrar que nunca obtive financiamento específico para levar a cabo o trabalho de tradução. Alguns sugeriram até mesmo que eu o financiasse do meu próprio bolso. Foi exatamente o que fiz, pagando pelos direitos de uso do texto original. Por isso, sinto-me liberado para agradecer apenas às contribuições diretas para que estas traduções viessem à luz.

Devo meus agradecimentos, então, às Editoras da Unicamp, minha *alma mater*, e da Universidade Federal de Uberlândia, por acolher o projeto e cobrir os custos despendidos; particularmente a Lúcia Helena Coimbra Amaral, Eduardo Moraes Warpechowski e Luciano de Jesus Franqueiro, pelo cuidadoso e acolhedor trabalho de revisão textual, editoração e diagramação, respectivamente; ao conselho editorial da Coleção do Estudo Acadêmico, na pessoa dos professores e amigos de muito tempo Hélio Azara de Oliveira, Marcos César Seneda e Alexandre Guimarães Tadeu de Soares.

Registro, ainda, uma palavra especial ao meu amigo Renato Rodrigues Kinouchi, pelas duas décadas de *peircistência* e, não menos, pela primeira revisão textual com a qual me presenteou. Outras palavras de agradecimento a Douglas Niño, não apenas pelo tempo de amizade *como también de interlocución en portunhol selvage y en todos los idiomas sobre esas cosas de filosofía que la gente diferenciada piensa que nosotros latinoamericanos no pensamos*. Agradeço também a Pedro Ivan de Sampaio, pela gentilíssima ajuda ao enviar-me de Paris as traduções francesas; a Tággidi Mar Ribeiro, pelas observações críticas a uma versão preliminar do Ensaio de leitura; a Priscila Monteiro Borges, Frank Thomas Sautter e a José Renato Salatiel, pela interlocução e pelo

encorajamento; a André De Tienne, cujo fino humor faz seu conhecimento da obra de Peirce parecer menos espantoso; a Bob Innis, um poliglota prontamente disposto a conversar sobre diferentes espécies de tradução; a Nathan Houser e a Winfried Noeth, pelo tempo despendido na identificação de alguns manuscritos de Peirce; a Roberto H. Pich, pela generosidade com que me ajudou com algumas questões de Duns Scotus, enviando-as integralmente traduzidas ao meu e-mail; ao meu amigo Humberto Zanardo Petrelli, cuja generosidade em ler de última hora o texto permitiu-me não apenas melhorar a tradução como ainda corrigi-la em vários pontos; e a outro amigo, André Luís Mota Itaparica, por me ajudar a localizar alguns enormes parágrafos de John Locke. Por fim, algumas palavras especiais seriam insuficientes para agradecer à Lúcia Santaella, pelo valioso Prefácio, mas também por tudo o que aprendi com ela e pela amizade carinhosa. A todas essas pessoas, minha mais sincera gratidão. Se cada uma delas contribuiu para o resultado ora em vista, a responsabilidade sobre a tradução e a interpretação aqui propostas é, evidentemente, toda minha.

Não posso deixar de registrar que meu trabalho dependeu em grande medida da Internet. De fato, a maneira como a pesquisa é feita, principalmente a bibliográfica, foi revolucionada nos últimos anos. E, no contexto de fechamento de livrarias e bibliotecas, não fosse pelo material gratuitamente disponibilizado em bancos de dados como o *Portal de Periódicos da Capes*, financiado com dinheiro público, mas também por iniciativas independentes, como o *Internet Archive*, fundado por Brewster Kahle, e o *Sci-Hub*, por Alexandra Elbakyan, não sei se conseguiria obter o mesmo resultado. Isso sem falar nos inúmeros dicionários e enciclopédias disponíveis *on-line*, e até em algumas máquinas de inteligência artificial de tradução. Registrei o que consultei em uma seção específica — Obras de referência — e devo reconhecer que essa foi tão só uma pequena parte do que auferi da Internet. Deixo, então, meus agradecimentos a quem, não sem esforço e por vezes contrariando poderes e interesses bastante fortes, busca contribuir para que a investigação continue na base da partilha pública do conhecimento e da sua expansão indefinida.

Introdução

Os seis textos reunidos neste volume contêm a gênese das principais ideias de Charles S. Peirce (1839-1914), isto é, contêm embrionariamente temas centrais de sua filosofia, os quais serão, posteriormente, aprofundados e mais bem desenvolvidos. Os cinco primeiros foram escritos e publicados entre 1867 e 1871; o último, em 1877. Assim reunidos, como se fizessem parte de um mesmo conjunto de escritos, vieram posteriormente a receber o rótulo genérico de *Série Cognitiva*, consagrado pelo projeto da edição crítica¹ e adotado no título deste volume. Tal organização possibilita compreender a sistematicidade do programa de pesquisa filosófico de Peirce, algo que as traduções já existentes de alguns dos mesmos escritos, por serem incompletas ou não os reunir, não conseguiam transmitir. Além disso, salvo melhor conhecimento, é a primeira vez que todos os textos aparecem assim organizados em língua portuguesa, e ao menos dois deles, adiante assinalados, nunca tinham sido traduzidos para o idioma pátrio.

A bem da verdade, os escritos ora apresentados fazem parte de diferentes séries de artigos e não foram pensados originalmente como partes de um mesmo conjunto. Não obstante, estão intimamente ligados no plano conceitual, a ponto de Peirce aludir explicitamente a essa conexão em momentos importantes. Essa é a principal justificativa para a sua publicação em um único volume. Além disso, como bem ressaltam não poucos comentadores, da perspectiva de uma visão geral da obra do filósofo, esses textos precoces mostraram-se forte e coerentemente inter-relacionados, contendo, em germe, as principais teses do pensamento de seu autor². Isso de modo al-

¹ Ver o sumário de EP 1, p. vii. Para o sistema de citação dos escritos de Peirce, ver as explicações sobre a Edição, adiante, bem como a Bibliografia, ao final.

² Apenas para exemplificar, não exaustivamente, ver as opiniões de Delaney 1984, p. xlii; Deledalle 1987, pp. 7-8 e 12-13; Hookway 1992, p. 15; Santaella 2004, p. 31;

gum significa que sem o conhecimento da obra tardia de Peirce os textos aqui reunidos restem incompreensíveis ou sob qualquer aspecto falhos. Obviamente, para quem conhece um pouco mais da filosofia de Peirce, fica evidente a coerência e a sistematicidade de seu pensamento filosófico já nesse momento inicial. E mesmo para quem não tem esse conhecimento, a leitura desses textos em conjunto apresenta uma introdução robusta ao pensamento do filósofo, no seu melhor e no seu pior. De toda maneira, o mais importante é o quanto esses textos podem ser interessantes por si mesmos, quero dizer, pelo que representam na história da filosofia e pelo que podem ainda nos fazer pensar. Por isso, entender o contexto de sua publicação e como eles se relacionam é sem dúvida importante³.

Em 1859, Peirce graduou-se em Química em Harvard, tendo obtido a primeira distinção *summa cum laude* do curso. Logo em seguida, começou a estudar classificação zoológica com Louis Agassiz, abandonando o mestre e o estudo após tomar conhecimento do então recém-publicado *Sobre a origem das espécies*, de Charles Darwin. Por um breve período, em 1860, foi supervisor de provas da *Lawrence Scientific School* (Colégio Científico Lawrence), também em Harvard. No ano seguinte, começou a trabalhar como auxiliar de cálculo da *US Coast and Geodetic Survey* (Agência de Pesquisa Geodésica e Litorânea dos Estados Unidos), a agência científica mais importante do país naquela época, na qual, por 30 anos, teve uma carreira que passou pelas áreas da astronomia, geodesia, metrologia, espectroscopia e diversas outras ciências fortemente calcadas na matemática. Em 1863, teve um artigo publicado no *American Journal of Science* (Revista Americana de Ciência), no qual tece algumas observações sobre a função das explicações científicas no contexto da teoria química da interpenetração. Tal

2006, p. 125; Trout 2010, p. 69 *et seq.*

³ Para a vida de Peirce, remeto o leitor a Deledalle 1987, um livro que pode ser considerado uma biografia intelectual; e, ainda, àquela que é a sua principal biografia, Brent 1998 (1ª ed. 1993). Não obstante, as introduções dos volumes W e EP são elucidativas.